

(RE)PENSANDO O FEMINISMO DE NÍSIA FLORESTA E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA E LITERATURA BRASILEIRA

(Re)thinking the Nísia Floresta's feminism and her contribution to Brazilian history and literature

Graziela Rinaldi da Rosa
FURG

RESUMO

Nísia Floresta, uma brasileira que atuou como educadora, indianista, republicana do século XIX e que fundou escolas para meninas e criou uma educação, que é considerada uma educação feminista. Pretende-se problematizar nesse trabalho até que ponto sua filosofia de educação contribui para superação dos padrões das mulheres da época? Teria rompido com a maneira com que se pensava a educação das meninas na época? Qual o modelo de mulher e de educação que encontramos? As suas “escritas do eu” a caracterizam como uma feminista ou pré-feminista? Sendo assim, pretende-se pensar essas questões e problematizá-las no contexto das “vozes femininas e das escritas do eu”, visto que sua voz compõe uma história do pensamento feminino brasileiro, e nos ajuda a pensar as Relações de Gênero, a História das Mulheres e a Literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres; feminismos; relações de gênero; educação.

ABSTRACT

Nísia Floresta, a Brazilian woman who acted as an educator, indianist, republican of 19th century and who founded schools for girls and she created an education that is considered a feminist education. It is intended problematizing in this work to what extent her philosophy of education contributes to overcome standards of women of the time? It would have broken the way the thought the education of girls at the time was thought which model of woman and of education we can find? Her “within writings” characterizes her as a feminist or pre-feminist? Therefore, it is intended to think that questions and to problematize them in the context of female voices context of “women's voices and within writings”, since her voice makes up a history of the Brazilian women's thoughts, and helps us to think about Gender Relations, women's history, and the Brazilian Literature.

KEYWORDS: women; feminisms; gender relations; education.

No século XIX, Nísia Floresta escreveu ao longo dos seus 74 anos cerca de quinze títulos, sendo que alguns foram reeditados mais de uma vez. Suas obras foram publicadas em diferentes idiomas, dentre poemas, romances, novelas e ensaios, muitos desses foram publicados pela imprensa. Percussora dos estudos feministas no Brasil e na luta pelos direitos das mulheres, problematizava o feminismo em um contexto em que as mulheres estavam presas em seus “cativeiros”¹ e pensavam como os homens, de maneira androcêntrica.

Segundo a bibliografia organizada por Constância Duarte, que consta em “Inéditos e Dispersos de Nísia Floresta”, as seguintes obras: (1) *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Recife: Typographia Fidedigma, 1832; (2) *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. 2 ed. Porto Alegre: Reimpresso na Typographia de V. F. de Andrade, 1833. (3) *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. 3 ed. Rio de Janeiro: 1839. (4) *Conselhos à minha filha*. Rio de Janeiro: Typographia de J. S. Cabral, 1842. (5) *Conselhos à minha filha, com 40 Pensamentos em versos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1845. (6) *Fany ou o Modelo das donzelas*. Rio de Janeiro: Colégio

¹ Marcela Lagarde (2005), em sua obra “*Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*”.

Augusto, 1847. (7) *Daciz ou a jovem completa. Historieta oferecida a suas educandas*. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1847. (8) *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta*, em 18 de dezembro de 1847. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de F. de Paula Brito, 1847. (9) *A lágrima de um Caeté*. Rio de Janeiro: Typographia de L. A. F. Menezes, 1849. (10) *A lágrima de um Caeté*. 2 ed., Rio de Janeiro: Typographia de L. A. F. Menezes, 1849. (11) *Dedicação de uma amiga*. (Romance histórico). 2 vol. Niterói: Typographia Fluminense de Lopes & Cia, 1850. (12) *Opúsculo humanitário*. Rio de Janeiro: Typographia de M. A. da Silva Lima, 1853. (13) *Páginas de uma vida obscura*; (14) *Um Passeio ao Aqueduto da Carioca*; (15) *O pranto filial*. Rio de Janeiro: Typ. de N.Lobo Vianna, 1854. (16) *Itineraire d'un voyage en Allemagne*. Paris: Firmin Diderot Frères et Cie, 1857. (17) *Consigli a mia figlia*. Firenze: Stamperia Sulle Logge del Grano, 1858. (18) *Consigli a mia figlia*. 2. ed. Mandovi: 1859. (19) *Scintille d'un'anima brasiliana*. Firenze: Tipografia Barbera, Bianchi & C. 1859. (20) *Conseils a ma fille*. Traduit de l'Italien par B.D.B. Florence: Impr. du Monnier, 1859. (21) *Le lagrime d'un Caeté*. Tradotto da Ettore Marcucci. Firenze: Le Monnier, 1860. (22) *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. 1^o vol. Paris: Libraire E. Dentu, 1864. (23) *Woman*. Translated from the italian, by Livia A. de Faria. London: Printed by G.Parker, Little St. Andrew Street, Upper. St. Martin's Lane, 1865. (24) *Parsis*. Paris: [s.n.], 1867. (25) *Le Brésil*. Paris: Libraire André Sagnier, 1871. (26) *Trois ans en Italie, Suivis d'un voyage en Grèce*. 2^o vol., Paris: E. Dentu Libraire-Éditeur et Jeffes, Libraire A. Londres, 1871 (ou 1872). (27) *Fragments d'un ouvrage inédit: notes biographiques*. Paris: A.Chérié, Editeur, 1878.

Com relação às contribuições de Floresta em jornais da época, Duarte encontrou: (1) “Passeio ao Aqueduto da Carioca”, *O Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, em 15\07\1855, p. 68-69 e 70 (2) “Páginas de uma vida obscura”, *Jornal O Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, em 14\03, 31\01, 15\04, 30\04, 15\05, 31\05, 15\06 e 30\06 de 1855; (3) “Um Improviso, na manhã de 1^o do corrente, ao distinto literato e grande poeta Antônio Feliciano de Castilho”, *O Brasil Ilustrado*, 30\04\1855, p. 157. (4) “O pranto filial”, *O Brasil Ilustrado*, em 31\03\1856, p. 141 e 142.

Nos lugares por onde andou, Floresta escreveu sobre a condição e a vida das mulheres, sobre a educação (para meninas), sobre o que via nos países por onde passava; escreveu sobre o Brasil, com intenção de desmitificar a maneira que as pessoas do exterior viam os habitantes de nosso país.

Muitas filhas, mães esposas ou amantes escreveram à sombra de grandes homens e se deixaram sufocar por essa sombra. As relações familiares, hierarquizadas e funcionais, não incentivavam o surgimento de um outro escritor na família, principalmente se a concorrência vinha de uma mulher [...] (DUARTE, 1997d, p. 87).

De modo geral, denunciou uma sociedade que legitimava as desigualdades. Ela foi educadora numa época em que havia pouca preocupação com a educação para as meninas. Floresta lutou pela educação das meninas em uma época em que as mulheres não eram reconhecidas. As obras nas quais versou sobre a educação foram as nossas fontes primárias. Cabe destacar que o século XIX é o “século de famílias, de armários e de escrita pessoal, o século 19 é um imenso reservatório. Correspondências, diários, autobiografias foram exumadas e analisadas como modo de comunicação e expressão” (PERROT, 2005, p. 29). No entanto, “a ausência no nível da narrativa é acompanhada por uma carência de traços no domínio das ‘fontes’ nas quais o historiador se alimenta, devido ao déficit de registro primário” (PERROT, 2005, p. 33).

Perrot ainda observou que:

No século 19, por exemplo, os escritoras da história – administradores, policiais, juízes ou padres, contadores da ordem pública- tomam nota de muito pouco do que tem o traço das mulheres, categoria indistinta, destinada ao silêncio. Se o fazem, quando observam a presença feminina em uma manifestação ou reunião, recorrem aos estereótipos mais conhecidos: mulheres vociferantes, megeras a partir do momento em que abrem a boca, histéricas, assim que começam a gesticular. (PERROT, 2005, p. 33)

Floresta propôs, nas primeiras décadas do século XIX, a maneira que as meninas deveriam ser educadas e que deveriam se dedicar aos estudos, além de escrever sobre alguns problemas de seu tempo, como a discriminação dos índios, dos negros, das mulheres. Considerando seus limites, não concordamos em dizer que Floresta lutou pela liberdade das mulheres. Ferreira constatou que “ultrapassando as interdições de sua época, fez de sua vida um manifesto em favor da liberdade” (FERREIRA, 2006, p. 2).

Sabino visitou e conheceu o Augusto Américo, seu filho. Sabino (1996) afirmou que ela, em 1842, fazia conferências públicas abolicionistas e as deixou impressas. Quanto às conferências, Sabino afirmou que: “sahiam d’ahi deslumbrados não só pela presença agradável da jovem senhora, como pela audácia da sua inteligência de primeira água e ainda mais...um horror para aquelle tempo!..por ouzar a illustre dama fallar em abolição e em federalismo” (SABINO, 1996, p. 172). Hoje alguns intelectuais e instituições fazem projetos e resgatam um pouco mais da história dessa mulher, mas esse é um movimento difícil, pois há poucos registros na própria cidade que hoje se chama Nísia Floresta.

O poder masculino estava presente na proposta de educação elaborada por Nísia Floresta. “A mulher sempre foi para o homem “o outro”, seu contrário e complemento” (PAZ, 1984, p. 176) e a dependência do outro faz parte do modelo patriarcal, mesmo que ela se posicionasse contra a opressão das mulheres. Como destacou Lagarde y de los Ríos, “la opresión de las mujeres se sintetiza en su inferiorización frente al hombre constituido en paradigma social y cultural de la humanidad” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 97). A menina era educada na filosofia de educação nisiana para alcançar a expectativa de uma sociedade patriarcal, pois eram dependentes, consideradas frágeis e preciosas. As virtudes que as meninas deveriam ter apontam que se tratava de uma educação elitista.

Socialmente, “era protegida de todas as maneiras pela família, pelos poderes eclesiásticos e governamentais, até contra seus próprios sentimentos” (LEITE, MISSAINI, 1989, p. 80). A menina deveria ser boa, para se tornar uma boa mulher e conseguir um bom matrimônio, atingindo expectativas como: ter uma família feliz, cuidar bem de seus filhos, seguir o exemplo de mulher virtuosa, despertando o orgulho de seu esposo. Deveria seguir o modelo patriarcal de comportamento e por isso se mantinha oprimida e dependente de outras pessoas – seus filhos e esposo. Floresta questiona essa sociedade patriarcal, mas não rompe com essa. Trata-se de uma educação moral que oferecia medalhas para aquelas meninas que se destacavam nos estudos, o que mostra a posição astuta de Floresta. Os filhos também tinham deveres e Floresta deixou dito que “o primeiro dever de um filho é amar seus pais e assisti-los com seus cuidados, consolá-los, encantar sua velhice com ternas atenções [...]” (FLORESTA, 1998, p. 101). A família nessa época tinha a função moral e a econômica, e ambas contribuía para a sociedade. No entanto, a hierarquia e a subordinação dentro da família eram bem definidas:

La opresión de las mujeres se define por un conjunto articulado de características enmarcadas en la situación de subordinación, dependência vital y discriminación de las mujeres en sus relaciones con los hombres, en el conjunto de la sociedad y en el Estado. *La opresión de las mujeres se sintetiza em su inferiorización frente al hombre constituido em paradigma social y cultural de la humanidad* (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 97, grifo nosso).

Floresta se admira com a educação da mulher alemã, enfatizando a importância da mãe de família, da “matrona esclarecida”. O termo “matrona esclarecida” foi retirado de uma fala de Floresta, quando enfatiza a sólida educação das mulheres alemãs, vejamos:

Os alemães, mais entusiásticos que fanáticos mais pensadores que galantes, concederam à mulher privilégios reais, baseados na educação sólida desse povo por demais profundo e morigerado para *compreender toda a importância da mãe de*

famílias, da matrona esclarecida edificando os filhos e o sexo com exemplos de uma sã moral, derramando em torno deles as luzes de um espírito reto e superior, os efeitos de um coração formado e generoso (FLORESTA, 1989, p. 17, grifo nosso).

Entendemos neste trabalho como “matrona esclarecida”, a mulher que Floresta idealizava, que é retratada no conceito de mulher encontrado nas obras da autora e explicitada na citação acima. Uma mulher que é capaz de edificar “os filhos e o sexo com exemplos de uma sã moral” (FLORESTA, 1989, p. 17). Conforme consta em Ferreira (2008, p. 331), matrona é: 1. Entre os antigos romanos, esposa. 2. Mulher madura e corpulenta. O termo não possui significado pejorativo, além de ter sido utilizado por Floresta como mãe de família, aquela que com seus exemplos morais auxilia na educação da humanidade. Trata-se de uma educação voltada para a “edificação dos filhos”:

Así, las madres son reproductoras de la cultura, aculturadoras de los otros. Son las primeras pedagogas de quienes comienzan a vivir, y en complejos sociales estatales, son funcionarias del Estado en la sociedad, durante toda la vida de los sujetos. En cualquier circunstancia, las mujeres madres son intelectuales, son funcionarias del Estado en la sociedad civil (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 377).

Floresta desejou que todas as mulheres fossem cidadãs e, para isso, deveriam estudar e a sociedade teria que ser trabalhada para respeitá-las e inseri-las em todos os setores sociais, não deixando de lado os papéis de filha, irmã e mãe. Mas, o que ela entendia como ser uma cidadã? Até onde verificamos, a concepção nisiana de cidadã está relacionada primeiramente na atuação da mulher como mãe e, portanto, a primeira educadora dos seus filhos (as) e, em segundo lugar, no fato da mulher estar ao lado do homem, contribuindo como cidadã para o progresso da sociedade. Tanto Comte, quanto Floresta pensavam a mulher como seres capazes de manter a ordem: do lar, da vida, de sua família e da sociedade. Em ambos, encontramos a mulher como uma santa criatura, capaz de cuidar e zelar pelos demais. A ideia é “conservar melhorando”². Vejamos Comte:

Posto que eu creia que este opúsculo decisivo há de ter em breve um grande acolhimento entre os dignos proletários, ele convém mais às mulheres, principalmente às mulheres iletradas. Só elas podem compreender assaz a preponderância que merece a cultura habitual do coração, tão comprimida pela grosseira atividade, teórica e prática, que domina o Ocidente moderno. *É só no santuário da alma feminina que se pode hoje encontrar a digna submissão de espírito exigida por uma regeneração sistemática.* (COMTE, 1996, p. 108, grifo nosso)

Floresta falava de “digna submissão” ao escrever para sua filha os seus conselhos, demonstrando a base de sua filosofia moral e a sua aproximação com a filosofia positiva de Comte. Tratava-se de uma educação que visa à regeneração espiritual através de um processo educativo moralizador, que colocava uma elite minoritária como líderes e excluía a outra parcela da população numa suposta “valorização feminina”. A mulher era vista como “santa” e para desenvolver bem o seu papel, ela precisava ser virtuosa. Em seus *conselhos*, no modelo de donzela, na Fany, em suas máximas, no seu discurso oferecido às educandas, ela demonstrava o seu conservadorismo, típico da educação moral da época. Duarte lembra que “quando os positivistas se referem à escritora eles dão sempre preferência aos textos relativos à abolição e apenas enfatizam seu pensamento antiescravocrata” (DUARTE, 2002, p. 34). Isso ocorre, pois, nesses textos, ela enfatizava o papel da mãe e a necessidade da escravidão acabar para que as famílias não se desestabilizassem. No

² A expressão “conservar melhorando” indica, na concepção comteana, que a sociedade então instituída havia chegado ao ápice de seu desenvolvimento, ou seja, o “estágio positivo”. Nesse sentido, ela apenas deveria ser melhorada, conservando sua estrutura então vigente. Para tanto, a educação moral se enquadrava nessa perspectiva.

entanto, tentamos mostrar neste trabalho que há outras aproximações do pensamento de Floresta com o pensamento de Comte no que diz respeito ao papel de mulher, especialmente na conservação da ordem e na manutenção do poder patriarcal. Existe na doutrina comteana a ideia da “superioridade feminina”, oriunda de uma suposta supremacia moral, afetiva e social da mulher e por ela ser capaz no desempenho de seus papéis, de maiores provas de altruísmo.

Em seu texto *A mulher*, Floresta ressalta a ideia da tríade (esposa, filha, mãe), que engloba o papel da mulher em meados do século XIX, outra semelhança com a mulher da nova religião – O Positivismo.

Cabia à mulher assumir a responsabilidade que o positivismo lhe atribuía nos destinos da sociedade como um todo. Seu sorriso, lágrimas e súplicas seriam capazes de deter a guerra e impor a paz universal. E a sorte do homem dependia, única e exclusivamente da mulher que lhe tivesse por perto (DUARTE, 2002, p. 39).

Será que “a sorte do homem dependia, única e exclusivamente da mulher que lhe tivesse por perto”? A “superioridade” que diziam que as mulheres tinham era porque cabia a elas a passividade e a anulação. A eles, cabia tudo o que desejassem, às mulheres apenas a “salutar exclusão”, baseada na obediência, o trabalho doméstico, ser virtuosa e viver para os outros. “O lar é, portanto, para ela o quinhão que lhe cabe na terra, a expressão de seu valor social, de sua mais íntima verdade” (BEAUVOIR, 1980, p. 197). Além das funções maternas, as mulheres teriam uma missão a cumprir para o positivismo, a de auxiliares do espiritual, “elas representam o sexo afetivo”. Nessa perspectiva, elas não vivem confinadas ao espaço familiar, uma vez que lhes é dado um papel na futura religião, já que o positivismo pode, com efeito, ser abordado tanto pela cabeça como pelo coração (FRAISSE, 1991, p. 74). A ideia das mulheres não viverem apenas confinadas ao espaço familiar provavelmente a atraiu.

Em algumas passagens do texto *A Mulher*, Floresta enfatizou a ideia da mulher como uma deusa para a humanidade. Em parte, ela concordava com a ideia de que a sociedade vinha admitindo, de que as mulheres deveriam renunciar a toda a aspiração de realização pessoal e se dedicar ao lar, como esposa e mãe. O positivismo não tira a mulher do lar, só a coloca em um pedestal na extensão do “teto paterno”, o lar em que o marido exerce o poder, já que garante a subsistência familiar.

Esse pensamento enaltecia as qualidades das mulheres, para em seguida, reafirmar a sua posição de inferioridade. O Positivismo reforça o culto à Virgem Maria, destacando as suas virtudes de castidade que são remetidas à mulher. Esta sendo a base da família, deveria ser colocada num pedestal, como a Virgem, ou mesmo num altar onde pudesse ser adorada pela sua pureza e santidade, estando a salvo do pecado (PAIXÃO, 1991, p. 40). Comte, em 1856, afirmou: “ninguém avalia melhor do que eu a importância habitual das dignas relações femininas, sobretudo entre os verdadeiros filósofos” (DUARTE, 2002, p. 66). Nesse sentido, Comte colocava a mulher num patamar social (mesmo que fictício) da mesma maneira que Rousseau fez ao ressaltar as virtudes de Sofia e a apresentá-la como o modelo de menina, que aprendendo as virtudes se torna uma boa esposa e mãe exemplar. Não era comum um filósofo daquele período “valorizar” o pensamento feminino, e cabe destacar que essa realidade encontramos até os nossos dias³. Para Comte “somente

³ Sobre esse tema (gênero e Filosofia) temos algumas produções: “As Mulheres e a Filosofia” (2002), organizado por Márcia Tiburi, Magali de Menezes e Edla Eggert; “Também há mulheres Filósofas” (2001), de Maria Lucia Ribeiro Ferreira; “Pensar no Feminino” (2001), de Maria Lucia Ribeiro Ferreira; “O que os filósofos pensam sobre as mulheres” (1998), de Maria Lucia Ribeiro Ferreira; “Por que as mulheres e a Filosofia” (2004), de Magali Menezes; “Mulheres, Filosofia ou coisas do gênero” (2008), de Márcia Tiburi e Bárbara Valle; “Mulher e Filosofia no pensamento ibero-americano. Momentos de uma relação difícil” (2008), de Raúl Fornet-Betencout; “A questão da diferença dos sexos em Aristóteles” (2005), de Maria da Penha Carvalho. Alguns artigos sobre esse tema foram problematizados pela autora, destaco alguns: “As mulheres e o ensino de Filosofia: Desafios na fronteira do humano” (2005); “Incluindo as mulheres filósofas na sala de aula” (2005); “Onde estão as filósofas da América Latina” (2005); “Também há mulheres filósofas: Uma obra para pensar a educação e a filosofia” (2006).

as relações femininas podem dissipar bastante ou corrigir a fatal aridez teórica à qual os trabalhos, mesmo os mais bem dirigidos, estão sempre expostos pela contenção que impõem à nossa fraca inteligência” (DUARTE, 2002, p. 66-68). Cabe-nos perguntar como Floresta se apropria desse pensamento. Quais as ideias desse pensador que despertaram o interesse dela? O que significou para a sua filosofia da educação a aproximação com a filosofia positiva de Comte? Vejamos Comte:

Por toda parte vejo que só as mulheres podem oferecer-me, em virtude de sua *salutar exclusão política*, um ponto de apoio capaz de fazer prevalecer livremente os princípios que hão de habitar, enfim, os proletários a colocar bem sua confiança teórica e prática. (COMTE, 1996, p. 108, grifo nosso)

No Curso de Filosofia Positiva, Comte afirmou que a superioridade moral da mulher tinha importância “secundária”. Posteriormente afirmou que a superioridade feminina no campo dos sentimentos era mais significativa. Como era o *sexo emotivo*, as mulheres ocupavam um papel importante na sociedade de Comte. Enquanto “filhas, mães e irmãs”, a mulher, em Comte e também em Floresta, torna-se um verdadeiro “anjo” e uma deusa para a humanidade. Comte se referiu a uma “intervenção feminina que secretamente refreia os estragos morais peculiares à alienação mental” (COMTE, 1996, p. 108). Para ele, as mulheres eram importantes para consolidar a nova religião. Seriam elas as responsáveis pela educação de seus filhos e filhas e por *conter os impulsos* dos maridos. A mulher ajuda a reproduzir o autoritarismo e o patriarcalismo e, por isso, a sua intervenção é tão importante. Eram as mulheres que iriam educar moralmente a humanidade. O que Comte chama de “sentimento feminino”, proveniente do “sexo afetivo”, era importante para a religião positiva, para manter a ordem em alguns setores. Sem a digna intervenção do “sexo afetivo”, a disciplina positiva não conseguiria resolver alguns problemas. Cito Comte:

Afora os motivos gerais que devem aqui dirigir para as mulheres minha principal solicitude, há muito que fui levado a pensar que delas depende sobretudo o advento decisivo de solução ocidental indicada pelo conjunto do passado. Em primeiro lugar, seria absurdo pretender pôr termo sem elas à mais completa das revoluções humanas, quando é sabido que as mulheres contribuíram profundamente para todas as renovações anteriores. A repugnância instintiva que elas sentem pelo movimento moderno bastaria para torná-lo estéril, se realmente tal repulsão fosse invencível. É daí que decorre, no fundo, a singular e funesta anomalia que impõe chefes retrógrados a populações progressivas, como se ao idiotismo e à hipocrisia competisse subministrar as garantias oficiais da ordem ocidental. Só depois de houver assaz vencido estas resistências femininas é que a religião positiva poderá desenvolver suficientemente, contra os principais partidários das várias doutrinas atrasadas, a reprovação decisiva que merece a inferioridade mental e moral deles. (COMTE, 1996, p. 109-110)

O sistema de Educação Universal de Auguste Comte queria uma educação integral, orgânica, universal e formativa, para humanizar e uniformizar a sociedade, efetivando a filosofia positiva. Assim como Floresta pensou, a educação moral iria contribuir para formar cidadãos com bons hábitos higiênicos e com boa aparência. Com relação às aproximações entre ambos, destacamos que a mulher tinha uma função normativa, pois ela iria manter a ordem e seria responsável por outras pessoas.

Na valorização da instituição do casamento – considerado pilar da vida privada e estrutura da família – à mulher caberia um lugar de destaque, fosse esposa, mãe, filha ou irmã. Mulheres eram excluídas da produção, deixando-a para sempre dependente materialmente do homem, o que reiterava a eterna delicadeza, a fragilidade física e incapacidade para grandes decisões. À mulher, nessa sociedade positiva, cabia ser apenas a companheira do homem: sua sombra, sem individualidade própria. Tratava-se, pois, da reiteração de um paternalismo arraigado. Assim, as

mulheres pertenciam à família, à vida doméstica fundada na hierarquia dos sexos, reafirmando as formas de dominação patriarcal, como destaca Lagarde y de los Ríos:

Los hombres son los ambivalentes sujetos del patriarcado. Por un lado, son los dominadores, los dueños del mundo, de los bienes materiales y simbólicos y de las mujeres, los especialistas en la creación y el trabajo, los dueños del pensamiento y de la razón, los creadores de explicaciones y creencias. Por otra parte, los hombres son, a la vez, dominados por hombres más poderosos por su jeraquía, su edad, su clase, sus conocimientos, su poderío, o por otras cualidades. Así, los hombre dominadores, los patriarcas, también están sometidos, por lo menos temporal o parcialmente, a formas de dominio patriarcal. (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 1994, p. 16)

Nesse sentido, percebemos que tanto Comte, quanto Floresta estavam submetidos ao domínio patriarcal. Para Nísia Floresta e Auguste Comte a educação da mulher consistia em sua preparação moral. Essa ideia sobre a educação feminina ressaltava a “necessidade de se desenvolverem na mulher as capacidades com que foi dotada pela natureza tendo em vista torná-la forte de espírito a fim de que possa dirigir novas gerações para o caminho do bem” (BERNARDES, 1989, p. 30). A educação da mulher voltada para os princípios morais e religiosos foi explicitada por ela, em suas obras “Opúsculo Humanitário”, “Conselhos à minha filha”, “Máximas e Pensamentos” e em todos os textos moralistas em que Floresta resalta o modelo de donzela que as meninas devem seguir e como a mulher deve agir na sociedade. Como destacou Lagarde y de los Ríos, “la cultura patriarcal contiene una perspectiva ética que ubica en el deber, la adecuación, la permisividad, la inadecuación y la prohibición, a las acciones, los pensamientos, las razones e las sinrazones, los afectos y los comportamientos de millones de mujeres e hombres” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 1994, p. 19).

O pensamento de que *educar a mulher é contribuir para a dignidade da família e do mundo* traz impregnado o ideário positivista, que considera “o papel da mulher educada como esteio moral da família, eixo vital da sociedade” (BERNARDES, 1989, p. 32). Educar a mulher é contribuir para a dignificação da família, da nação e do mundo. A mulher, para Floresta, servia como “o modelo da família” e deveria conservar a dignidade, através da “educação religiosamente cristã” que ela defendeu. A posição social que a mulher se encontraria num futuro próximo estaria porventura no caminho da sorte, se a sorte colocasse a mulher em outro lugar na sociedade. A educação “religiosamente moral” iria ajudar para que as meninas não se “desviassem”. Floresta manteve alguns princípios da época como, por exemplo, a visibilidade do argumento feminino no debate sobre a educação brasileira e, em especial, a educação das mulheres.

Considerações finais

Nísia Floresta não rompeu com o que diz respeito aos valores e padrões de comportamento destinados às mulheres de seu tempo, mas politizou essa realidade e avançou no que diz respeito ao acesso de meninas à educação e em suas denúncias e críticas ao poder do homem na sociedade patriarcal. Sua filosofia da educação está situada numa perspectiva socialmente crítica, mesmo que a mulher fosse educada para ser “mãe, filha e esposa”, fato que representa o pensamento que a mulher deveria se preocupar apenas com os problemas domésticos e familiares. A educação seria útil para as mulheres aperfeiçoarem seus talentos enquanto mãe, esposa e filha, mesmo que Floresta acreditasse que, na medida em que as meninas fossem estudando, elas não permaneceriam na situação de total submissão.

Floresta imaginou novos tempos para as mulheres. Avançou no que diz respeito à sua vida, estudou e quanto a sua vida pessoal foi além da tríade “esposa, mãe e filha” que destinava às meninas em sua filosofia de educação. Ela se tornou uma intelectual brasileira. Autodidata, fundou escolas para meninas em um período que isso não era preocupação da maioria. Viajou e viveu na Europa, relacionou-se intelectualmente com pensadores da época, escreveu obras, traduziu livro

feminista e denunciou o preconceito contra as mulheres. Abriu as portas de escolas para meninas ricas e imaginou situações em que as mulheres estariam se posicionando fora de seus “cativeiros”. Via que, através da educação, as mulheres iriam comandar exércitos e nações. Ela tinha noção de que levariam alguns séculos para ocorrerem mudanças em relação ao preconceito contra as mulheres e melhorias na sua atuação na sociedade.

Numa época em que poucas pessoas iam além do seu lugarejo, ela se relacionou com intelectuais de outras regiões do mundo, escreveu muitas obras e esteve a frente da luta pela educação das meninas. Suas obras ainda são pouco estudadas, mas merecem o nosso reconhecimento, visto que se trata de uma obra do início do século XIX, período em que as mulheres começavam a se expressar no campo das letras.

As ideias pedagógicas de Nísia Floresta inserem-se nos debates educacionais do início do século XIX no âmbito internacional e especialmente no contexto brasileiro. Seus biógrafos seguiram a via da apologética, tenderam a exaltar a figura da “grande educadora” e nós acabamos por contrastar essa ambígua pensadora, apresentando-a como expressão do pensamento conservador, que via a educação das meninas pela via moral e não científica.

Ao questionar *qual é a filosofia de educação que Nísia Floresta defendeu através de suas obras*, vimos que foi uma educação moral, que ressaltava o papel da mulher como “mãe, mulher e esposa”. Constatou-se que a crença no ideário de que a família iria contribuir para o progresso da sociedade brasileira fez com que a sua Filosofia de educação se relacionasse com ideias conservadoras da época, visto que os valores religiosos/cristãos e os valores da religião da humanidade estavam em diálogo. A influência de Auguste Comte na filosofia de educação é inegável: mesmo que Floresta não tenha se tornado uma positivista, executou o positivismo através de sua proposta de educação alternativa para as meninas, contribuindo assim para a manutenção do poder patriarcal. Mesmo sendo astuta, Nísia Floresta caiu numa armadilha, que naquela época não teria como prever. Ela buscou favorecer a inserção das mulheres na sociedade, porque acreditava que sem as mulheres não haveria progresso. Fez com que as mulheres entrassem pela porta de trás da sociedade, valorizando a mulher letrada na vida doméstica, pois imaginava o tempo em que teríamos mulheres no governo, na política, no poder e em cargos públicos.

A filosofia de educação nisiana não estava voltada apenas para a formação de “matronas esclarecidas”. Buscava através dessa educação o respeito e a valorização da mulher na sociedade, mesmo que essa valorização se desse pela atuação da mulher no âmbito doméstico. Sabendo que não romperia com o modelo de “feminino patriarcal”, ela foi zelosa, mas não deixou de fazer a crítica ao modo de vida das mulheres, ao preconceito e o descaso com a educação das meninas. Escreveu movida pelo seu desejo de uma sociedade em que as mulheres fossem valorizadas, e contribuiu para que hoje Dilmás, Marias, Lucianas, Anas e outras mulheres ocupem cargos que só homens ocupavam. Contribuiu para que as mulheres acessassem a Educação escolar.

Sua bibliografia precisa ser revisada, (re)visitada, pois suas escritas do eu continuam silenciadas. Entende-se aqui que se trata de uma personagem histórica cujo entendimento de sua personalidade, caráter e obras está em construção. O que buscamos neste trabalho foi desvendar/desnudar suas ideias sobre a educação para as meninas, e compreendê-la como uma escritora, educadora e intelectual brasileira que precisa ser mais estudada.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem?* São Paulo: T. A. QUEIROZ, 1989.
- COMTE, Auguste. *Catecismo positivista*. São Paulo: Abril Cultural, 1996. p. 95-317.
- DUARTE, Constância Lima. *Uma pequena biografia*. Disponível em: <<http://memoriaviva.digi.com.br/Nisiafloresta/>>. Acesso em: 1 mar. 2011.
- _____. *Nísia Floresta*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010.

- _____. *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: Ed. da UFRN, 2009.
- _____. *Nísia Floresta: uma mulher à frente de seu tempo*. Brasília: Mercado Cultural, 2006a.
- _____. A pioneira do feminismo brasileiro. *Diário de Natal*, Natal, p. 18-20, 2006b. Educação.
- _____. *A primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.
- _____. *Cartas Nísia Floresta e Augusto Comte*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- _____. Izabel Gondim. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 332-348.
- _____. Nísia Floresta Brasileira Augusta. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis: Mulheres, 2000c. p. 175-193.
- _____. Introdução e apresentação. In: FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: Mulheres. 1998.
- _____. Apresentação. In: FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Mulheres, 1997. p. X-XXIX.
- _____. Nísia Floresta: vida e obra. In: FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Mulheres, 1997b.
- _____. O cânone Literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997c. p. 85-94.
- _____. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: Ed. da UFRN, 1995.
- _____. *Nísia Floresta: vida e obra*. 1991. 3 v. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1991.
- _____. A propósito deste livro. In: AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Introdução e notas Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez, 1989. p. 15-20.
- _____. A tradução. In: AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Introdução e notas Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez, 1989b. p. 107-134.
- _____. Contracapa. In: FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*. Introdução e Notas de Peggy-Sharpe. São Paulo: Cortez, 1989.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2008.
- FERREIRA, Brasília Carlos. Nísia Floresta são muitas. *Diário de Natal*, Natal, p. 2, 2006.
- FLORESTA, Nísia. Aqui sob esta abóbada. In: WANDERLEY, Ezequiel Lins. *Poetas do Rio Grande do Norte*. Recife: Imprensa Industrial, 1922. p. 5.
- _____. *A lágrima de um Caeté*. Introdução e Notas de Constância L. Duarte. Natal: Fundação José Augusto, 1997.
- LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. México: Universidade Nacional Autónoma de México, 2005.
- _____. *Democracia genérica*. México: REPEM-México, 1994.
- _____. Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRN, 2009a. p. 105-107.
- _____. Fany ou o Modelo das Donzelas. In: DUARTE, Constância (Org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: Ed. da UFRN, 2009b. p. 95-102.
- _____. O pranto filial. In: DUARTE, Constância (Org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: Ed. da UFRN, 2009c. p. 85-92.
- _____. *Fragmentos de uma obra inédita: notas biográficas*. Tradução de Nathalie B. da Câmara. Brasília: Ed. da UnB, 2001.
- _____. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Mulheres, 1997a.
- _____. A mulher. In: FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Mulheres, 1997b. p. 82-159.
- _____. Um passeio no Jardim de Luxemburgo. In: FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Mulheres, 1997c. p. 183-203.
- _____. O abismo sob as flores da civilização. In: FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Mulheres, 1997e. p. 65-81.
- _____. Viagem magnética. In: FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Mulheres, 1997f. p. 160-181.
- _____. O Brasil. In: FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Mulheres, 1997d. p. 07- 63.

- _____. *Opúsculo humanitário*. Introdução e Notas de Peggy-Sharpe. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Introdução e Notas de Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez, 1989b.
- _____. *Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia*. Tradução de Francisco das Chagas Pereira. Natal: Ed. da UFRN, 1998.
- _____. *Itinerário de uma Viagem à Alemanha*. Santa Cruz do Sul; Florianópolis: EDUNISC; Mulheres, 1998a.
- _____. Passeio ao archeduto da carioca. In: DUARTE, Constância (Org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: Ed. da UFRN, 2009d. p. 33-44.
- FRAISSE, Geneviève. Da destinação ao destino. História filosófica da diferença entre os sexos. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Dir.). *História das mulheres no ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4, p. 59-96.
- LEITE, Míriam, I. Moreira, MASSAINI, Márcia Ignez. Representações do amor e da família. In: D'INCÃO, Maria Angela (Org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 70-87.
- PAIXÃO, Sylvia. *A fala-a-menos: a repressão do desejo na poesia feminina*. Rio de Janeiro: Numen, 1991.
- PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão e Post. Scriptum*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- ROSA, Graziela Rinaldi. *Transgressões e Moralidade na formação de uma "Matrona esclarecida": contradições na Filosofia de Educação Nisiana*. Tese de Doutorado. UNISINOS, 2012. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/GrazielaRinaldidaRosa.pdf>>. Acesso Julho 2015.
- SABINO, Ignez D. *Mulheres ilustres do Brasil*. Prefácio Arthur Orlando Florianópolis: Mulheres, 1996. Edição fac-similar.

Recebido em: 15 fev. 2016.

Aprovado em: 20 abr. 2016.